

O Cine Palácio e as recordações advindas: Marcas da memória em Palmeira dos Índios na década de 1960.

Maria Viviane de Melo Silva.¹

Resumo: Este trabalho pretende analisar a relação que se estabelece entre o cinema e a memória, destacando a ligação expressa entre ambos, tendo como objeto o Cine Palácio que funcionava regularmente no município de Palmeira dos Índios-AL durante a década de 1960. Para isso, utilizarei como suporte teórico alguns autores como Maurice Halbwachs, Ecléa Bosi, Jacques Le Goff, Milton Almeida, entre outros, bem como algumas leituras e jornais de cunho local que abordam de maneira mais específica sobre o tema, permitindo uma maior abordagem para a reflexão do que foi proposto. Além disso, o uso de entrevistas terá uma importante contribuição para maior conhecimento sobre o exposto. Dentre outros cinemas que existiram na cidade, o Cine Palácio obteve maior destaque diante de seu público, fazendo do mesmo um lugar de suma importância para a época. Devido a isso, buscou-se realizar um estudo para investigar o papel que o mesmo desempenhou na sociedade palmeirense e assim, compreender os laços que se estabelecem entre as reminiscências e o antigo Cinema, enfatizando o seu significado no contexto memorial e social.

Palavras – chave: Cinema. Memória. Palmeira dos Índios.

The Cine Palace and the resulting memories: Memory brands in Palmeira dos Índios in the 1960s.

Abstract: This work aims to analyze the relationship established between the film and the memory, emphasizing the express link between the two, having as object the Cine Palace that worked regularly in Palmeira dos Índios-AL during the 1960s. For this, I will use theoretical support some authors as Maurice Halbwachs, Ecléa Bosi, Jacques Le Goff, Milton Almeida, among others, as well as some reading newspapers and local flavor that address more specifically on the subject, allowing greater approach to reflection than It has been proposed. Furthermore, the use of interviews will have a major contribution to increased knowledge of the above. Among other cinemas that existed in the city, the Cinema Palace got more prominence before its audience, making it a place of great importance for the time. Because of this, we sought to conduct a study to investigate the role that it played in Palmeiras society and thus understand the ties established between the reminiscences and the old Cinema, emphasizing its meaning in memorial and social context.

Keywords: Cinema. Memory. Palmeira dos Índios.

Artigo recebido em 01/08/2015 e aceito em 25/08/2015..

O CINE PALÁCIO E AS RECORDAÇÕES ADVINDAS: MARCAS DA MEMÓRIA EM PALMEIRA DOS ÍNDIOS NA DÉCADA DE 1960.

MARIA VIVIANE DE MELO SILVA

Introdução

O presente artigo tem como propósito estabelecer uma abordagem sobre a relação expressa entre cinema e memória, visando mostrar alguns pontos fundamentais que estão presentes em ambos. Para tanto, utilizaremos como principal objeto de pesquisa o Cine Palácio, que outrora funcionou na cidade de Palmeira dos Índios, de forma mais precisa na década de 1960, demonstrando através do mesmo que esse lugar deve ser tido como espaço de memória ao passo que se tem uma forte ligação e contribuição no contexto social daqueles que viveram e o prestigiaram em tal época.

Para tanto, o uso de variadas fontes foram necessárias para o desenvolvimento deste trabalho. Ao debruçar sobre um conteúdo envolvendo memória e oralidade, história social e história cultural, não poderíamos deixar de analisar algumas obras fundamentais de teóricos que tratam sobre o referido assunto para que assim, tenha-se uma discussão embasada em um recorte teórico-metodológico de cunho relevante. Ao tratar-se de uma pesquisa de gênero local, a leitura de obras de escritores locais bem como demais produções acadêmicas vinculadas ao tema fizeram-se necessárias para a amplitude do tema em foco, visto que é de suma importância que se averigüe algo que já foi produzido sobre o mesmo.

No que se refere às fontes, o uso de jornais e algumas fotografias foram essenciais, pois contribuíram de forma efetiva para a consolidação do artigo, não apenas pelo fornecimento de dados, mas por proporcionarem ao leitor uma melhor visibilidade com o que se escreve dentro de tal contexto. De modo que “Uma pesquisa pode (e, em muitos casos, deve) empregar vários tipos de fontes, como também porque conhecer diferentes olhares sempre abre novos horizontes.”^{II}. Adentrando nesse olhar múltiplo, o uso de entrevistas gravadas em formato mp3 e transcritas para utilização, foram parte imprescindível para o total desempenho e demais atribuições contidas nesta pesquisa, pois os testemunhos não só forneceram informações valiosas como também complementaram e “deram vida” às palavras que foram citadas ao longo destes escritos.

Os enfoques mencionados objetivam mostrar como o cinema se relaciona com as memórias. Posteriormente adentramos de maneira específica no Cine Palácio, em que retrataremos algumas de suas características mais relevantes, enaltecendo assim sua influência na sociedade palmeirense em 1960, mais precisamente. No último momento, “damos voz” para as peças fundamentais da pesquisa, que corroboram para a afirmação das colocações apresentadas, visando não apenas contribuir para um conhecimento com maior riqueza de detalhes, mas também mostrar que o cinema é visto como um relicário no qual muitas pessoas relembram com saudosismo ao passo que se sentem agraciadas por terem prestigiado tal momento da cidade.

1. Cinema: Espaço de história e memória.

Abordar um tema cujo referencial é o cinema, é uma tarefa que perpassa por uma série de significados, visto que há uma imensa ponte a ser percorrida em torno do mesmo. Ao longo de sua trajetória, as exibições cinematográficas vêm ocupando seu lugar de destaque no

O CINE PALÁCIO E AS RECORDAÇÕES ADVINDAS: MARCAS DA MEMÓRIA EM PALMEIRA DOS ÍNDIOS NA DÉCADA DE 1960.

MARIA VIVIANE DE MELO SILVA

que se refere, especialmente, ao contexto social no qual estão inseridos. Remetido basicamente a um espaço de essência urbana, tal elemento direciona-se para as mais variadas camadas, podendo atingir os mais diversos sentidos. “Talvez, por isso, o cinema seja a arte que melhor expressa e faz com que se expresse o viver contemporâneo urbano: estar só, estando junto. Uma solidão compartilhada com os personagens na tela. Um estranhamento com os personagens na vida cotidiana.”^{III}

Para alguns, o cinema pode ser mais que um ambiente de lazer, enfocando outros significados ao mesmo, pois se trata de um lugar que reflete um imaginário social contido na vida de muitas pessoas. Não seria estranho dialogar com alguém que já frequentou o cinema e perceber a diferença notória de quem nunca foi a tal espaço quando se fala de algum filme já exibido ou algo assim. O espectador assume um posicionamento onde ele é peça fundamental, estabelecendo um vínculo com o mesmo, como observamos nos escritos de Almeida:

No cinema, você senta, o seu olhar fixa-se na tela e as imagens farão, por você, os movimentos que seu corpo e seu olhar fariam se você tivesse que realmente movimentar-se para ver tudo o que o filme mostra: voar, penetrar no solo, chegar perto, distanciar-se e assim por diante. As câmeras filmaram o que o diretor quis, o projetor do cinema joga-as na tela, para você seguir o olhar do filme como se fosse o seu.^{IV}

O papel desempenhado pelo cinema assume um caráter que vai além de nossas especulações fazendo “jus” ao título atribuído de sétima arte, incorporando um conjunto de acepções que envolvem e fascina àqueles que veem nele um ambiente confortável. Muito mais do que um lazer, ele transpassa a ótica de um simples ambiente, mas, em muitas épocas, tornou-se um marco social. E nesse sentido remontaremos para um período em que o cinema ocupou um lugar de destaque e que atraía de forma grandiosa o público brasileiro, conforme ressalta Junqueira:

Nas décadas de 1940 e 1950, as salas de cinema passam a ocupar um lugar de destaque no cotidiano dos brasileiros e, em Prata^V, tais salas foram eleitas como núcleos de encontro e sociabilidade. Além de filmes, da variedade de enredos, dos astros e estrelas, havia ainda a possibilidade do encontro com os amigos, o *footing* antes do início da sessão e isso acabava por atrair um grupo considerável de pessoas.^{VI}

Ao relatar sobre o Cine Prata, localizado em Minas Gerais, é exposto uma realidade que se fazia presente em muitos lugares do Brasil. As possibilidades que se faziam presentes e que entornavam o cinema (desde o encontro de amigos até o próprio momento de “ver” o filme) era algo bastante imponente no contexto social da época e que influenciou o cotidiano daquela geração. Não obstante dessa realidade, a cidade de Palmeira dos Índios, também foi alvo de tal atração, sendo por volta da década de 1920 a inauguração do chamado Cine Helvética, o primeiro da cidade. Numa reportagem especial do Jornal Tribuna do Sertão (1997), vemos a seguinte nota:

Palmeira entrou na era do cinema antes de 1920, com o Cine Helvética, que foi a primeira casa de espetáculos da cidade. Anunciava a mostra de seus filmes com um bando de garotos percorrendo as ruas da comunidade, levando às costas os cartazes e, numa barulheira danada, ganzás, reco-reco, tambor e pandeiro, gritavam: “Hoje tem cinema. Hoje tem cinema.”^{VII}

O CINE PALÁCIO E AS RECORDAÇÕES ADVINDAS: MARCAS DA MEMÓRIA EM PALMEIRA DOS ÍNDIOS NA DÉCADA DE 1960.

MARIA VIVIANE DE MELO SILVA

Assim começava o desenvolvimento cinematográfico em terras palmeirenses que mexia com os ânimos da população, pois ter esse tipo de atração em uma cidade do interior representava não apenas um avanço como também algo atrativo para a população local e das redondezas. Mas, foi especialmente na década de 1960 que o cinema demonstrou-se como um ícone de destaque e desenvolvimento no município. Palmeira dos Índios era tida como a “Cidade Modelo” e ao possuir salas de projeção arraigava ainda mais tal título.

É, na segunda metade da década de 1960, que Palmeira dos Índios recebeu o título de cidade *modelo* do Estado. Eram freqüentes as notas nos jornais palmeirenses com a frase: “Visite Palmeira dos Índios – Município *Modêlo* (sic) de Alagoas” (...) a referência expressa a que categoria que o município foi eleito *modelo*: na “agricultura”. Mesmo assim a elite palmeireense, jornalistas, colonistas, editores e cronistas persistiram em rotular e perpetuar de: Cidade *Modelo*.^{VIII}

Apesar de o título mencionado estar ligado ao setor agrário, como dito, alguns veículos de comunicação enalteciam essa característica, visando mostrar o desenvolvimento que passara a cidade que em pouco em menos de dez anos perde seu título de cidade Pólo para Arapiraca (cidade vizinha), ficando apenas na lembrança esse seu período de grande desenvolvimento. No entanto, como não era em todo o lugar que havia instalações de cinema, esse aspecto também fez parte de maneira forte do imaginário social palmeireense no século passado, visto que atualmente, não funciona nenhum cinema na cidade.

Neste sentido, damos uma maior ênfase à passagem do cinema em Palmeira dos Índios, que durante a década de 1960 teve três cinemas funcionando regularmente, sendo o Cine Palácio o que obteve maior destaque e o que é recordado com maior ímpeto por aqueles que frequentaram-no algum dia. Posto que ele fez parte, durante muito tempo, da realidade de muitos palmeirenses, é característico que o cinema em si, tenha um cunho memorável para muitas pessoas. Como afirma Montenegro:

Quando um fato público ou história oficial teve um registro nas lembranças da população (especialmente dos velhos), houve uma associação entre o acontecimento ou o fato histórico narrado em suas vidas. É sempre, ou quase sempre em decorrência dessa interferência que as marcas da memória se constituem.^{IX}

O cinema não foi simplesmente algo efêmero e com pouca relevância para a sociedade palmeireense na década de 1960, mas representou um momento que jamais voltou a ser visto na cidade até então. As marcas memoráveis que se estabeleceram, nos leva a uma tentativa de voltar no tempo e perceber os traços que foram construídos em torno dele, pois conforme Leal^X “A Memória pode-se traduzir como as reminiscências do passado, que afloram no pensamento de cada um, no momento presente; ou ainda, como a capacidade de armazenar dados ou informações referentes a fatos vividos no passado.”

Ao estabelecer um vínculo entre o cinema e a memória adentramos numa direção que nos leva para águas mais profundas, pois a recuperação ou conhecimento de alguns aspectos que envolviam a cidade Palmeireense no tempo em questão nos faz perceber que o ambiente cinematográfico era também um ambiente de rememoração, pois, socialmente, ele ocupou um significado para aqueles que um dia dedicaram seu tempo a uma sala de projeção, sejam como expectadores ou não, tendo este, uma influência forte no cotidiano. Neste sentido “(...) os cinemas contribuíram, de maneira significativa para a divulgação de novas formas de

O CINE PALÁCIO E AS RECORDAÇÕES ADVINDAS: MARCAS DA MEMÓRIA EM PALMEIRA DOS ÍNDIOS NA DÉCADA DE 1960.

MARIA VIVIANE DE MELO SILVA

comportamento, novas maneiras de se vestir, colocando o espectador em contato com um “mundo novo”.^{XI}

Seja como um espaço de lazer, como mero divertimento, um ponto de encontro ou adequando qualquer outro sentido ao mesmo, o fato é que a presença do cinema em Palmeira dos Índios não passou despercebida. **A existência de uma sala de projeção de “grande porte” na região exibia um caráter peculiar e fazia daquele momento algo único, tentando reunir um público atrativo para a sessão do mais novo cinema da cidade. Tal espaço ganhou tanta referência que décadas depois, em uma reportagem especial, o jornal de circulação local Tribuna do Sertão (1997) lançou uma nota sobre o episódio ocorrido:**

Quanta gente passou pelas suas bilheterias naquele 14 de outubro de 1956 - dia da estréia – para assistir ao filme PACTO DE HONRA, com os astros hollywoodianos. Allan Ladd e Shelley Winters. Era um domingo. A programação que se seguiu naquela semana de festas de inauguração, foi a apresentação do filme mexicano TERRA BAIXA, da Pelmex, com Pedro Armendariz, exibido nos dias 16 e 17 daquele mês.^{XII}

A importância desse espaço foi tanta que houve uma homenagem a ele, demonstrando assim que este não somente ocupou um campo de prestígio social como também fez parte do cunho memorial, evidenciando recordações que estão intimamente ligadas às lembranças: naquele local que um dia foi alvo de grande movimentação da sociedade palmeirense.

2. O Cine Palácio como lugar de memória.

O chamado “Cine ou Cinema Palácio” como era conhecido, denota elementos essenciais para conhecermos alguns aspectos que faziam parte do cotidiano da década de 1960 em Palmeira dos Índios. Tomando como referência que este era o cinema mais frequentado da cidade por seu tamanho e filmes que eram exibidos, sua relevância se destacava entre os outros que existiam (Cine Moderno – antigo Cine Ideal e Cine São Luís), pois contava com cerca de quatrocentas cadeiras, possuía primeiro andar e seu ambiente proporcionava conforto, obtendo assim maior vislumbre diante dos olhares daqueles que o frequentavam.

Em meio às amostras de filmes existentes no Cine Palácio, outra atração merecia destaque no mesmo: o show de calouros, que trazendo atrações diversas, possuía um público muito forte. Neste momento, faremos uma alusão ao Cine Prata, em Minas Gerais:

Além de exhibir, em sua maioria, filmes americanos e europeus, o salão do Cine Prata também se prestava a outra função, a de palco para vários shows contratados pela prefeitura ou por particulares (...) por vários anos o Cine Prata abrigou também festivais nos quais inúmeros candidatos mostravam os seus dons musicais.^{XIII}

As atrações em Palmeira dos Índios poderiam não ser as mesmas em Minas Gerais, mas uma coisa é notória: o programa fazia sucesso nos cinemas e era atrativo para o público frequentador. Na terra Palmeirense, o programa era chamado “A taba se diverte”, cujo apresentador era Ivan Barros. É inegável reconhecer o destaque que o Cine Palácio tinha, pois além das exibições cinematográficas, também abrigava um local onde aconteciam shows de calouros e dos mais variados gêneros, aumentando ainda mais o entusiasmo da população, como podemos perceber nos escritos de Barros:

O CINE PALÁCIO E AS RECORDAÇÕES ADVINDAS: MARCAS DA MEMÓRIA EM PALMEIRA DOS ÍNDIOS NA DÉCADA DE 1960.

MARIA VIVIANE DE MELO SILVA

E aos domingos, apresentava um programa de calouros, com distribuição de brindes, “A Taba se Diverte”, transmissão direta do palco do Cinema Palácio que ficava literalmente lotado (400 cadeiras), após o término da missa das dez horas. Nesse programa, apresentei, também artistas de fama nacional. Era o divertimento matinal dos domingos na taba.^{XIV}

Muito mais do que um ambiente que servia apenas para assistir filmes, o cine Palácio era alvo de descontração, encontros e lazer, principalmente aos finais de semana, já que as opções existentes para o divertimento da população não eram muitas. Além disso, o domingo era o “dia do cinema”, reservado para aquele ambiente que proporcionava encanto e descontração. De acordo com Elinaldo Barros:

Aos poucos a porta do cinema ia ficando cheia de crianças e adolescentes. Eles aguardavam a semana inteira por aquele momento. Todos, nos intervalos das atividades de suas vidas, já haviam planejado por diversas vezes a chegada do domingo, um dia religiosamente consagrado ao cinema.^{XV}

Ao ler tal relato, fica visível como o papel desempenhado pelo cinema alcançava algo que ia além de simplesmente sentar numa poltrona e ver um filme; o significado era muito maior para alguns e remetia a uma rotina semanal ou dominical que perpassava por valores atribuídos e sentidos fundamentais de algo que fazia parte de forma intrínseca da vida de muitos, já que, segundo Marc Ferro^{XVI}: “No que concerne ao cinema, *ir ver um filme é uma escolha, um ato mais voluntário que olhar a televisão, que podemos clicar ou ler um jornal.*”.

Escolher ir ao cinema era um ato que muitos faziam, mas que tinha um impulso. Impulso este que não se limitava a uma simples saída, mas sim, porque nele tinha algo que era diferente e que instigava de maneira forte o público que o frequentava; ir ao cinema também era sinônimo de status social. Como afirma Maria Neta:

Mais que uma fuga da rotina, o cinema também era símbolo de *status*. As pessoas iam pra assistir, pra se divertir, mas também, para serem vistas. Sem televisão, na maioria das casas, ou outro tipo de entretenimento, não havia muitas opções de diversão na cidade (...) O cinema movimentava a noite da cidade; se tornou uma necessidade sócio-cultural e econômica.^{XVII}

Neste sentido o cinema é apontado como algo que fazia parte do convívio social, manifestando-se como um dos lugares de lazer com maior fluxo de pessoas das mais diversas camadas sociais que encontravam nele um espaço interessante para ser frequentado. Sendo assim, seria possível em meio a tantas situações esquecer desse cinema? Como as pessoas que um dia frequentavam se lembram dele? Quais recordações elas tem advindas de tal lugar?

Uma vez que a memória revela algo que foi escondido ou até apagado do contexto social devido ao tempo, tentar resgatá-la e descobrir as inúmeras lembranças de tantas pessoas que vivenciaram o período já citado pode nos fornecer uma riqueza de detalhes, visto que, para Le Goff^{XVIII}: “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas ou que ele representa como passadas.”

Desse modo, enveredaremos para um campo de conhecimento que nos permitirá adentrar ou voltar no período analisado por meio daqueles que foram testemunhas do progresso do cinema em terras palmeirenses, analisando assim toda a conjuntura que compõe

O CINE PALÁCIO E AS RECORDAÇÕES ADVINDAS: MARCAS DA MEMÓRIA EM PALMEIRA DOS ÍNDIOS NA DÉCADA DE 1960.

MARIA VIVIANE DE MELO SILVA

uma série de elementos capazes de nos fornecer informações preciosas que fortalecerão os escritos feitos até aqui.

3. A revitalização do cinema como resguardo da memória.

Ao analisarmos o que de mais peculiar o cinema pode nos transmitir, relacionamos às lembranças daqueles cuja vivência histórica propiciou um contato direto com o tema em questão. Neste momento, remetemos àqueles em que não somente relatam sobre alguns momentos vividos, mas suas experiências enriquecem o universo de informações assimiladas. Sobre eles, Bosi destaca:

Há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade (...). Em nossas sociedades também estimamos um velho porque, tendo em vivido muito tempo, ele tem muita experiência e está carregado de lembranças.^{XIX}

As lembranças passam por um campo de amplitude que reúne vários elementos. Sendo assim, elas têm a capacidade de nos levar para épocas e lugares distintos, que nos direciona a um saber memorial sobre o seu passado. Segundo Henry Rousso:

Um indivíduo, quer fale espontaneamente de seu passado e de sua experiência (...) não falará senão do presente, com as palavras de hoje, com sua sensibilidade do momento, tendo em mente tudo quanto possa saber sobre esse passado que ele pretende recuperar com sinceridade e veracidade.^{XX}

No que concerne à recuperação de informações preciosas sobre os cinemas, o testemunho de quem um dia frequentou-o é de suma importância, não apenas para um resgate da memória e de dados sobre o mesmo, mas para que se conheça até que ponto as pessoas possuíam um vínculo com o cinema bem como a influência que ele representou num dado momento de sua vida. E sobre tais recordações e o cinema que mais visitava, Ivan Barros relata:

Ah era o cine Palácio! Eu ia muito ao cine palácio. Tinha shows lá, tinha programas de auditório que eu fazia, grandes filmes e era o melhor cinema da cidade! Vendiam pipoca, confeito na porta, e até picolé. O primeiro em tela panorâmica e colorida foi no cine palácio (...) muitíssimo frequentado.^{XXI}

Na fala do Sr. Ivan Barros, percebemos o quanto o Cine Palácio era posto em destaque no meio dos outros que existiam, sendo lembrado com maior ênfase por conta de suas atrações e de tudo que propiciava para o seu público. No relato de Leandro da Silva Muniz:

O pessoal fazia programa calouro, o pessoal velho fazia esses programa (sic) de auditório, chamava assim “Programa de Auditório”. Aí o auditório era no Cine Palácio que lá também tinha apresentava show de calouro (...). Juntava gente demais, era super lotado também. Aí tinha a comissão julgadora, como no Programa do Ratinho, do Sílvio Santos, tinha comissão julgadora e eu me apresentava direto. Aí eu cantava e os outros que cantavam também, muitos colegas meu, e até hoje eu encontro e a gente lembra: “Eita, nós cantava lá né.”^{XXII}

O CINE PALÁCIO E AS RECORDAÇÕES ADVINDAS: MARCAS DA MEMÓRIA EM PALMEIRA DOS ÍNDIOS NA DÉCADA DE 1960.

MARIA VIVIANE DE MELO SILVA

Nas recordações de Leandro Muniz não poderia faltar o tão famoso Programa de Auditório “A taba se diverte”. A importância que se dava era extrema e esta é uma de suas maiores recordações já que ele participava ativamente do show de calouros que fez parte de um bom período de sua vida. E sobre esse episódio, o ex-apresentador do programa, Ivan Barros, relembra:

Ficava lotado. O auditório lotado! (...). Eu fazia na véspera um rateio no comércio e o comércio doava os prêmios em troca de publicidade no programa(...). Eu sei que a pessoa guardava seu dinheirinho pra ir ao cinema. Ah eu ganhava dinheiro e muito! Ganhava o dinheiro dos ingressos e ganhava do comércio, além dos brindes, as propagandas.^{XXIII}

Ao observar tais relatos, percebemos o quão eles contribuem para uma maior afirmação acerca dos escritos sobre o mesmo, uma vez que “Recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação (...) podemos reconstruir um conjunto de lembranças de maneira a reconhecê-lo porque eles concordam na essência.”^{XXIV}

Reconhecer que os testemunhos nos levam a um leque de informações valiosas é inegável. Sua essência não apenas transpassa e complementa os dados obtidos por meio de outras fontes como também denota características que muitas vezes, não são registradas em tais veículos como livros, jornais, entre outros. Fazendo deles, “personagens principais” para determinados assuntos pesquisados. Pelo exposto, o Cine Palácio e seu programa ainda é lembrado por várias pessoas, pois ao ver a fotografia abaixo, Maria Helena diz:



Fonte: Acervo do NEPEF.^{XXV}

Esse palco aqui era onde nos dançava. Eu cantava mais meu irmão Antônio, Iraci, Cróvis no violão (...) O palco era cheio, cheio. Era cheio de gente (...) Tinha comissão julgadora, aliás acho que até Ivan Barros. Nós cantava (sic) bem graças a Deus. Violão, sanfona... cantava era muito. Naqueles tempo (sic) era muito bom meu Deus do céu! Era dia de domingo, só ia cantar e ganhava os prêmios.^{XXVI}

Neste relato a fotografia ganha um papel essencial, pois ela ajuda na transmissão e na recordação das lembranças guardadas. O desempenho que se tem graças a esse recurso nos leva a uma dimensão mais concreta sobre o fato e sobre tal Boris Kossoy afirma que:

O CINE PALÁCIO E AS RECORDAÇÕES ADVINDAS: MARCAS DA MEMÓRIA EM PALMEIRA DOS ÍNDIOS NA DÉCADA DE 1960.

MARIA VIVIANE DE MELO SILVA

Estamos envolvidos afetivamente com o conteúdo dessas imagens; elas nos dizem respeito (...). Essas imagens nos levam ao passado numa fração de segundo. Nossa imaginação reconstrói a trama dos acontecimentos dos quais fomos personagens em sucessivas épocas e lugares.^{XXVII}

Quando percebemos o efeito que a fotografia proporciona, é de se admirar como esta gera uma tamanha contribuição ao trabalho, não só como meio de conhecimento do espaço, mas na recordação em si. E sobre esse assunto, num trecho de sua música Leoni^{XXVIII} diz: “O que vai ficar na fotografia são os laços invisíveis que havia”, pois de fato, ficam nelas mais informações do que o campo visível. Sem dúvidas, a fotografia nos remete a uma reconstrução de memória que nos revelam pontos primordiais para o conhecimento sobre algo. Não ajuda apenas a conhecer, mas nos leva de volta ao momento ou lugar que é analisado, contribuindo efetivamente para um maior aprofundamento e aproximação com o local em questão, pois com elas “damos vida” às palavras ora mencionadas.

Além das lembranças advindas ao Cine Palácio, havia algo que estava bastante relacionado ao cinema: o namoro, a paquera. Nas lembranças do Sr. Luís Brandão, o tema fica em destaque:

Quando a luz apagava (risos) aí é que a coisa esquentava. As pessoas assistia (sic) o filme (...) era um prédio, me (sic) declive assim, mas alto né, pra gente assistir (...). Quais as melhores recordações? A minha? A minha era o sonho dentro do cinema de Palmeira dos Índios (risos) era o namoro neh? Eu ia gazejar aula pra ir com as meninas e elas também.^{XXIX}

O namoro também estava presente no cinema! O ambiente era favorável para tais acontecimentos e as pessoas sentiam-se atraídas a se fazerem presentes, pois ir ao cinema não representava unicamente ver o filme, mas sim “ver gente”, namorar, ter lazer. Muito mais que um divertimento, ele era um ponto de encontro para os moradores da cidade e pessoas que vinham de fora.

O cinema de fato “causava”. Independente de como ele se fazia presente ou do que era mais relevante para cada pessoa, uma coisa era comum: a ida ao cinema. Por meio das falas, verificamos a existência de um espírito saudosista que ao passo que se sente feliz por ter prestigiado tal momento, também lamenta pelo seu fim e quando falam do seu término, as falas parecem ser as mesmas, como se observa na fala de Leandro Muniz: “Aí foi a televisão a televisão acabou com os cinemas. Porque os filmes que ia apresentar nele, tava na televisão também, aí pronto! O pessoal preferia assistir em casa mesmo.”^{XXX}

A popularização da televisão foi fazendo com que, aos poucos, houvesse um enfraquecimento nas bilheterias. O declínio do cinema se alastrou em vários lugares e de acordo com Junqueira^{XXXI}: “O Cine Prata foi desativado na década de 1980. Novos usos foram atribuídos ao seu espaço”. E assim como em Minas Gerais, em Palmeira dos Índios o Cinema também teve seu fim. Já não se tinha tantas pessoas frequentando, os lucros caíram cada vez mais e o Cine Palácio teve suas portas encerradas na década de 1980.

Ao nos depararmos com os relatos e tantos atributos relacionados ao cinema, percebemos o quanto ele teve influência em seu contexto social e como se fez presente no cotidiano das pessoas que vivenciaram a década de 1960. Seus reflexos são percebidos até

O CINE PALÁCIO E AS RECORDAÇÕES ADVINDAS: MARCAS DA MEMÓRIA EM PALMEIRA DOS ÍNDIOS NA DÉCADA DE 1960.

MARIA VIVIANE DE MELO SILVA

hoje, revelando-nos aspectos fundamentais para todo um aparato memorial no qual ele se faz presente. Assim, elucidamos não só as marcas que o Cine Palácio deixou, mas do cinema como um todo, pois o seu funcionamento pode não mais fazer parte da vida atual, mas suas reminiscências permanecem vivas dentro daqueles que veem ou que viam no cinema um lugar de encanto.

Conclusão

Ao analisar os variados aspectos que compõem o sentido memorial ao cinema, foi possível perceber que o ambiente cinematográfico também é um espaço que se relaciona com nossa memória. Uma vez que adentramos no contexto do próprio cinema, seja ele como um ambiente de lazer ou como um local de grande atração para o público, a representatividade exposta ao longo desse trabalho nos faz refletir sobre o papel que o mesmo pode desempenhar socialmente, observando não somente a relevância como também a sua interferência na vida cotidiana das pessoas. O cinema não foi um fenômeno qualquer, mas um ícone de destaque entre aqueles que apreciavam a chamada “sétima arte”.

Neste sentido, o Cine Palácio ocupou uma posição diferente diante dos outros cinemas que outrora funcionaram na cidade analisada. Seja por sua estrutura física ou pelos filmes e atrações que lá eram exibidos, o fato é que tal lugar teve um importante papel no século passado, sendo recordado até hoje por aqueles que guardam vivas na memória as lembranças advindas do mesmo, tendo nele um lugar de relevância para sua vida. Durante seu período de funcionamento, o Cine Palácio contava com uma programação bastante atrativa, o que fez dele o maior e mais reconhecido cinema da cidade e esse fenômeno não ocorria só em Palmeira, pois como citado, em outros lugares como Prata – MG, também se tinha no cinema uma “atração especial” e o que foi especial, perdura, muitas vezes, em nossa memória.

Foram perceptíveis as marcas indeléveis que o cinema deixou registrado na memória, ligadas, em muitos casos, a um sentido saudosista que ultrapassa as barreiras e mostra que a trajetória cinematográfica não ficou no acaso e não ocorreu de maneira simplória, deixando consigo traços relevantes. Sendo assim, ainda que de forma breve, observamos o quanto significativo foi o Cine Palácio na cidade, demonstrando também a importância de se averiguar sua passagem pela cidade, visto que atualmente não há nenhum cinema funcionando e que sua lembrança ainda está bastante presente no imaginário social daqueles que foram testemunhos do seu avanço e sucesso.

Desse modo, verificamos que a memória nos atrai para um campo vasto no qual enveredamos para um caráter peculiar e que assim como outros elementos nos levam a adentrar num sentido memorial, o cinema também exerce essa função, enaltecendo sua predominância na esfera social e as influências da vida cotidiana que também perpassam por ele. Assim, o fim de algo que um dia foi causa de efervescência cultural e que ainda se faz presente na vida de muitos, teve a sua fase, mas deixou marcas para a população que não fazem parte apenas de suas lembranças, mas são pedaços de suas vidas.

Notas

O CINE PALÁCIO E AS RECORDAÇÕES ADVINDAS: MARCAS DA MEMÓRIA EM PALMEIRA DOS ÍNDIOS NA DÉCADA DE 1960.

MARIA VIVIANE DE MELO SILVA

^I Graduada em Licenciatura plena em História pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) e Pós – graduada em Ensino de História pela Faculdade São Luís de França (FSLF). Este artigo faz parte do trabalho de conclusão de curso da Faculdade São Luís de França (FSLF).

^{II} PINSKY, Carla Bassanezy. **Fontes Históricas**. 2ªed. São Paulo: Contexto, 2010. P.8.

^{III} ALMEIDA, Milton José de. **Cinema Arte da Memória**. Campinas, SP: Autores Associados, 1999. P.1.

^{IV} IDEM. P.25.

^V Cidade do interior de Minas Gerais.

^{VI} JUNQUEIRA, Ivanilda Aparecida Andrade. Tempo de lazer: cinema e cultura popular no cotidiano pratense na segunda metade do século XX. *IN*: Newton Dângelo (ORG). **História e Cultura popular: saberes e linguagens**. Uberlândia: EDUFU, 2010. P.120.

^{VII} Cinemas em Palmeira: Especial. **Tribuna do Sertão**. Palmeira dos Índios. De 04 a 10 de agosto de 1997.

^{VIII} SÁ, Edmilson da Silva, **Entre o efêmero e as marcas da vida: um olhar sobre o cotidiano de Palmeira dos Índios nos anos 1960**. 2008. P. 25 e26.

^{XIX} MONTENEGRO, Antônio Torres. **História Oral e Memória: a cultura popular revisitada**. 6º Ed. São Paulo: Contexto, 2013. P.74.

^X LEAL, Luana Aparecida Matos. **Memória, Rememoração e Lembranças em Maurice Halbwachs**. 2012. Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao18/artigos/045.pdf>. Acesso em 11/03/2014.

P.1.

^{XI} JUNQUEIRA, Ivanilda Aparecida Andrade. Tempo de lazer: cinema e cultura popular no cotidiano pratense na segunda metade do século XX. *IN*: Newton Dângelo (ORG). **História e Cultura popular: saberes e linguagens**. Uberlândia: EDUFU, 2010. P.120.

^{XII} Cinemas em Palmeira: Especial. **Tribuna do Sertão**. Palmeira dos Índios. De 04 a 10 de agosto de 1997.

^{XIII} JUNQUEIRA, Ivanilda Aparecida Andrade. Tempo de lazer: cinema e cultura popular no cotidiano pratense na segunda metade do século XX. *IN*: Newton Dângelo (ORG). **História e Cultura popular: saberes e linguagens**. Uberlândia: EDUFU, 2010. P.125.

^{XIV} BARROS, Ivan Bezerra de. **Abrindo a Janela do Tempo: memória e história**. Alagoas: Graciliano Ramos, 2006. P.117.

^{XV} BARROS, Elinaldo Soares. **Cine-Lux: Recordações de um Cinema de Bairro**. Maceió, edicult/secult, 1987. P.14.

^{XVI} FERRO, Marc. **O conhecimento histórico, os filmes, as mídias**. Oficina Cinema-História 2004. Disponível em: <http://www.oolhodahistoria.ufba.br/Artigos.html>. Acesso em 13/11/2014. P.3

^{XVII} MARIA NETA, Francisca. BEZERRA, Deisiane da Silva. **A História do Cinema no Município de Palmeira dos Índios e sua ressignificação na atualidade: uma leitura da contribuição do cinema na construção do conhecimento histórico**. In: XXVII Simpósio Nacional de História: conhecimento histórico e diálogo social. Natal – RN. De 22 a 26 de julho de 2013. P.8.

^{XVIII} LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão. 7º Ed. Campinas, SP: Unicamp, 2013. P.387.

^{XIX} BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança dos velhos**. 17º. Ed. São Paulo: Companhia das letras, 2012. P.63.

^{XX} ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. *IN*: AMADO, Janaína. FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. 8ª Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. P.98.

^{XXI} Entrevista concedida por Ivan Bezerra de Barros à autora deste artigo em 11/11/14. Palmeira dos Índios – AL.

^{XXII} Entrevista concedida por Leandro da Silva Muniz à autora deste artigo em 26/05/14. Palmeira dos Índios – AL.

^{XXIII} Entrevista concedida por Ivan Bezerra de Barros à autora deste artigo em 11/11/14. Palmeira dos Índios – AL.

^{XXIV} HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. 2ª Ed. São Paulo: Centauro, 2006. P.39.

^{XXV} Núcleo de Estudos Políticos, Estratégicos e Filosóficos- NEPEF, vinculado à Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL.

^{XXVI} Entrevista concedida por Maria Helena Melo da Silva à autora deste artigo em 03/10/14. Palmeira dos Índios – AL.

^{XXVII} KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 3ª ed. Ver. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. P.106.

^{XXVIII} LEONI, Carlos. **Fotografia**. Álbum: "Você Sabe o que Eu Quero Dizer". 2002. Faixa 11. 1 Cd.

^{XXIX} Entrevista concedida por Luís Machado Brandão à autora deste artigo em 09/06/14. Palmeira dos Índios – AL.

^{XXX} Entrevista concedida por Leandro da Silva Muniz à autora deste artigo em 26/05/14. Palmeira dos Índios – AL.

O CINE PALÁCIO E AS RECORDAÇÕES ADVINDAS: MARCAS DA MEMÓRIA EM PALMEIRA DOS ÍNDIOS NA DÉCADA DE 1960.

MARIA VIVIANE DE MELO SILVA

^{XXXI} JUNQUEIRA, Ivanilda Aparecida Andrade. Tempo de lazer: cinema e cultura popular no cotidiano pratense na segunda metade do século XX. *IN*: Newton Dângelo (ORG). **História e Cultura popular: saberes e linguagens**. Uberlândia: EDUFU, 2010. P.126.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Milton José de. **Cinema Arte da Memória**. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

BARROS, Elinaldo Soares. **Cine-Lux: Recordações de um Cinema de Bairro**. Maceió, edicult/secult, 1987.

BARROS, Ivan Bezerra de. **Abrindo a Janela do Tempo: memória e história**. Alagoas: Graciliano Ramos, 2006.

_____. **Ivan Bezerra de Barros**. Depoimento em 11/11/14. Entrevistador: Maria Viviane de Melo Silva. Palmeira dos Índios – AL

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança dos velhos**. 17^o. Ed. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

BRANDÃO, Luís Machado. **Luís Machado Brandão**. Depoimento em 09/06/14. Entrevistador: Maria Viviane de Melo Silva. Palmeira dos Índios – AL.

Cinemas em Palmeira: Especial. **Tribuna do Sertão**. Palmeira dos Índios. De 04 a 10 de agosto de 1997.

FERRO, Marc. **O conhecimento histórico, os filmes, as mídias**. Oficina Cinema-História 2004. Disponível em: <http://www.oohodahistoria.ufba.br/Artigos.html>. Acesso em 13/11/2014.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. 2^a Ed. São Paulo: Centauro, 2006.

JUNQUEIRA, Ivanilda Aparecida Andrade. Tempo de lazer: cinema e cultura popular no cotidiano pratense na segunda metade do século XX. *IN*: Newton Dângelo (ORG). **História e Cultura popular: saberes e linguagens**. Uberlândia: EDUFU, 2010.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 3^a ed. Ver. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão. 7^o Ed. Campinas, SP: Unicamp, 2013.

LEAL, Luana Aparecida Matos. **Memória, Rememoração e Lembranças em Maurice Halbwachs**. 2012. Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao18/artigos/045.pdf>. Acesso em 11/03/2014.

O CINE PALÁCIO E AS RECORDAÇÕES ADVINDAS: MARCAS DA MEMÓRIA EM PALMEIRA DOS ÍNDIOS NA DÉCADA DE 1960.

MARIA VIVIANE DE MELO SILVA

LEONI, Carlos. **Fotografia**. Álbum: "Você Sabe o que Eu Quero Dizer". 2002. Faixa 11. 1 Cd.

MARIA NETA, Francisca. BEZERRA, Deisiane da Silva. **A História do Cinema no Município de Palmeira dos Índios e sua ressignificação na atualidade: uma leitura da contribuição do cinema na construção do conhecimento histórico**. In: XXVII Simpósio Nacional de História: conhecimento histórico e diálogo social. Natal – RN. De 22 a 26 de julho de 2013.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História Oral e Memória: a cultura popular revisitada**. 6º Ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MUNIZ, Leandro da Silva. **Leandro da Silva Muniz**. Depoimento em 26/05/14. Entrevistador: Maria Viviane de Melo Silva. Palmeira dos Índios – AL.

PINSKY, Carla Bassanezy. **Fontes Históricas**. 2ªed. São Paulo: Contexto, 2010.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. *IN*: AMADO, Janaína. FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. 8ª Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

SÁ, Edmilson da Silva, **Entre o efêmero e as marcas da vida: um olhar sobre o cotidiano de Palmeira dos Índios nos anos 1960**. 2008.

SILVA, Maria Helena Melo da. **Maria Helena Melo da Silva**. Depoimento em 03/10/14. Entrevistador: Maria Viviane de Melo Silva. Palmeira dos Índios – AL.